



Tiago Ferreira da Silva
FUN HOUSE

Inspirado pelo álbum homônimo de **THE STOOGES**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

FUN HOUSE
TIAGO FERREIRA DA SILVA
uma história inspirada por
FUN HOUSE
THE STOOGES

SÃO PAULO, JULHO DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY TIAGO FERREIRA DA SILVA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOOKS.COM.BR

FUN HOUSE

TIAGO FERREIRA DA SILVA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Down on the Street
2. Loose
3. T.V. Eye
4. Dirt
5. 1970
6. Fun House
7. L.A. Blues

FUN HOUSE

THE STOOGES

LANÇAMENTO: **1970**
SELO: **ADA**



FUN HOUSE

TIAGO FERREIRA DA SILVA

1.

— Droga! Que vagabunda! — era a exaltação de Hermes toda vez que tomava um inesperado fora de uma garota.

Ele era estupidamente tímido, um verdadeiro contraponto aos seus ousados planos de vida. Acabara de entrar para a fase adulta com intenção de se formar em Medicina e especializar-se em Oftalmologia. Nem ele sabia o motivo, razão ou circunstância dessa escolha. Queria porque queria, simples assim.

Infelizmente, seu desejo não se realizaria na prática. Pouco tempo depois iniciaria a faculdade de Rádio/TV.

Também tinha vontade de casar, ter filhos, esses ilusórios desejos de ingênuos sonhadores. Mais uma vez, veria seus planos irem pra sarjeta. Tomou como filosofia de vida o conselho de uma prostituta, que engravidara por se esquecer de tomar o anticoncepcional após uma trepada selvagem.

Imbecil seria o melhor adjetivo para julgar este rapaz. Só tinha transado uma vez na vida porque uma garota do colégio achava que ele tinha carro. Só foi descobrir a farsa depois de ter feito sexo com ele. Que experiência horrível!

Em seus devaneios, começou a analisar a porcaria que era sua vida e tentou achar um culpado. Seria Linda, por quem era cegamente apaixonado? Sua mãe, por não ensinar, desde criança, a lidar com a brutalidade dos acontecimentos? Pequeno Príncipe? Os vinhos de *blues* do seu avô?

Tomou uma atitude precoce: foi procurar Walter. Walter fazia o tipo doidão.

Plantava secretamente *cannabis* no sítio de seu tio para vender no bairro. Tinha contatos com renomados traficantes e conseguia, a preço de bagatela, a droga que seus clientes quisessem consumir. Pegava mais barato nas bocadas e vendia a um preço mais elevado para "seus parceiros".

— Tem pó?

— De cinco ou de sete?

— Me dá logo o de sete?

— Está na mão! Conhece quem gosta da seringa?

— Hum... eu! Por quanto? — disse subitamente Hermes.

— Dez em dose dobrada pra você.

— Fechou!

2.

Para exercitar a alucinação que a recente injetada lhe dera, Hermes decidiu aparecer numa festa de aniversário de um colega que, nesse momento, infelizmente não recordava o nome.

Aliás, não se sabe como ele lembrou que havia uma festa! Sua momentânea obsessão pela extravagância talvez o tenha alertado.

De qualquer maneira, ele queria se mostrar para Linda. Era como se a heroína ativasse sua angústia de punir os possíveis culpados de sua vida decadente.

Ao chegar ao local, se deparou com um homem alto, robusto e de barba rala. Ele recebia simpaticamente o visitante, sorrindo-lhe e o conduzindo para o interior da casa.

Era um ambiente seco. Os convidados pareciam estranhos — lembravam monges refugiados de seus mórbidos monastérios. Olhavam-no com suspense após virar um copo de vodca abandonado ao lado da escada.

Qualquer jovem de vinte anos que estivesse naquela festa sentiria um asco terrível. Faltava um ar boêmio naquele local. Não se via pessoas gargalhando, não se via cervejas aos montes ou adolescentes enlouquecidos virando doses de bebidas alcoólicas como se fossem água mineral.

A falta de barulho num local de festa torna o ambiente funesto. Parece que o público reage diferente sem o ar da bagunça. Para o recém-chegado, esse tédio

era ilustrado com os convidados encostados no canto da parede tentando, no máximo, serem discretos para não atrapalhar o evento.

Entretanto, Hermes se retraía no centro daquela sala, como se a pressão psicológica brecasse um rompimento maior com a normalidade daquele local. Por um instante, começou a encarar fixamente cada convidado.

Nessas ocasiões, algumas pessoas se incomodam com a infelicidade alheia de não perceber o prazer de comemorar uma data. E encaram essa infelicidade como oportunidade desperdiçada. E, como "método filantrópico", tomam atitudes precoces com a intenção de revigorar o ambiente, que acaba se tornando seco com essa ausência de animosidade. Atitudes, às vezes, súbitas demais.

Hermes percebeu essa ausência naquele local, até avistar algo que lhe prendeu a atenção.

Os pacatos copos de plástico contrastavam com a beleza daquele gigantesco bolo de aniversário, o grande destaque daquela sala. Fora previamente encomendado para essa célebre ocasião pelos pais do aniversariante, que no momento se encontrava ausente. Talvez os convidados tivessem medo de apagar o *glamour* daquele notável confeito ao apoiarem-se nas paredes.

Mas, desgraçadamente, toda essa beleza teve um desfecho irremediável: os vorazes punhos de Hermes penetrando sobre aquele delicioso recheio de chocolate... para agredir um convidado. Ou, para ser mais específico, uma criança.

Essa necessidade de punição rendeu-lhe um galo na testa, uma perna quebrada e um rosto inchado.

3.

— Não acredito, você é um bosta! — reclamava Walter.

Walter era um tipo comum de traficantezinho. Elevava o machismo à alturas inimagináveis para compensar a carência sexual que sua feiúra lhe proporcionara. Para suprir essa carência, passava metade de seu dia se masturbando com vídeos piratas de pornografia.

Walter requisitava a falta de sensibilidade de Hermes em querer criticar “sua sagrada seringa”.

— O bagulho não é tudo isso. Permaneci careta a maior parte do tempo! Não senti loucura nenhuma — retrucava Hermes.

Para seu ego, a heroína impediu a realização de atos mais drásticos de sua parte. Era como se ele traçasse um objetivo lucidamente impossível que a droga tinha o dever de encorajar.

Mesmo após reclamar a qualidade do “produto”, Walter conseguiu convencer Hermes de seu equívoco e ofereceu mais uma dose, que foi imediatamente consumida.

Por um minuto, deixou-se apagar.

Durante a faculdade, ele costumava empregar termos difíceis em procedimentos óbvios; abstraía ao mais complexo contexto histórico para comentar com seus colegas o uso de um simples programa de editoração de imagens. No fundo, adorava se encontrar no mesmo patamar do professor

de classe — bastava dar uma brecha, e ele se regozijava em compartilhar sua vaidosa sabedoria.

Mas nesse instante, todo seu olhar de mundo sofria constantes alterações. Estava começando a enxergar as pessoas pela brecha do bueiro. Suas feições estavam tão mudadas, que um ente familiar distante não o reconheceria com o passar do tempo — que, por sinal, nem foi tão longo assim.

Antes, suas dúvidas em relação à vida eram simplórias demais. E essa visão não alterava mesmo depois de ter lido Nietzsche, Kerouac, Dostoiévski ou Bukowski. De que adiantava conhecer todas as teorias se sua vida prática contrapunha às páginas literárias?

Ressaltando, Hermes era um imbecil por completo. Queria ser o diferente da turma porque se colocava em outro nível. Era um Raskólnikov periférico metido a diplomático. Na verdade, ele seria uma pessoa menos estúpida se estivesse longe das páginas dos livros. Elas o infectaram, o fizeram achar que a inteligência é a supremacia da humanidade. Quanta bobagem! De que vale ter um vocabulário exemplar se o convívio social é desprezível?

Eram sob essas circunstâncias que Hermes valorizava a vida. Mais estranho que essa alienação era sua forma de ser amigo. Até tinha afinidade com um ou outro — Ronnie, David... mas eram amizades insignificantes para ele. Nunca entendiam seus pensamentos e ainda achavam no direito de opinar sobre o que fazer! Isso era o cúmulo do absurdo.

Somente uma pessoa podia tentar entender e conviver de alguma forma com Hermes: Linda.

O amor é algo duvidoso. Pode levar alguém às máximas num segundo e

entregar de bandeja ao demônio no outro. Se o amor é algo tão bom para a alma, por que sofrer continuamente por uma mesma pessoa? Se ele também pode ser nocivo, como explicar a felicidade de estar junto com a pessoa amada?

No caso de Hermes, essas duas possibilidades eram neutras. Querer castigar alguém por seus infortúnios é uma desculpa para sanar suas abstinências — e quem era a pessoa mais próxima a levar esse fardo?

4.

Voltou pra casa. Sentiu uma súbita saudade do seu quarto — não se sabe por que raios —, e se trancafiou. Seu quarto era um cômodo agradável, similar a de qualquer outro jovem de vinte anos: um guarda-roupa esotérico, um computador rápido, uma cama, brinquedos antigos, frigobar... nada muito fora do comum.

Essa dose causou um efeito contrário à anterior — de alguma maneira ele encontrava algum valor naquele mórbido espaço, no qual viveu a maior parte de sua existência.

A janela para a rua principal, aquela árvore onde se pendurava para pegar as pipas mandadas, a bicicleta amarela com o guidão torto de tanto capote que já tomou. Tudo tinha uma mágica indizível. Mas na realidade eram banalidades que passam como um estalar de dedos.

Mas essa mágica não era benéfica em seu atual estado. A falta de repúdio, de contraposição, do avesso, estava lhe fazendo mal.

Tomou um copo d'água e, argh!, cuspiu em seguida. Ficou completamente tonto. Em menos de dez segundos, vomitou sobre todo o forro de cama que sua mãe acabara de arrumar. Não satisfeito, sujou toda a roupa e decidiu toma um ar.

Foi uma atitude absurdamente impensada.

Em poucas horas aquele rosto esperançoso e orgulhoso de uma senhora simples, que vive pelo prazer de presenciar o sucesso dos filhos, se derreteria

em lágrimas importunas pela compaixão e, ao mesmo tempo, pela decepção.

Aquele vômito foi mais profundo que um odor horrível; suscitou em maleficências que poderiam ser evitadas.

5.

— Aquela boca. Seria perfeita para engolir minhas bolas!

Assim, de repente, interpretava o amor dessa maneira — proporcionar prazer para os órgãos genitais. Quando uma pessoa sofre de carência sexual, tende a burlar sua necessidade querendo engrandecer-se de qualquer jeito.

Que contradição: Hermes só começa a perceber essas artimanhas após um vômito causado por uma injeção!

Dessa vez foi mais objetivo. Foi direto encontrar-se com o pesadelo de seus devaneios, que morava a três quarteirões de sua casa.

Caminhava trôpego, com os braços bambos, a testa suada e o cabelo desarrumado. Era uma rua residencial bem movimentada, com uma praça memorável a cinquenta metros de onde se encontrava. O sol ia se pondo naquele horizonte acinzentado, conseqüência da poluição das grandes cidades.

Foi quando um conhecido rapaz o abordou nesse estado irreconhecível:

— Você tá parecendo um mendigo! Vai pedir esmola no farol da *Third*?

— Não, vou comer sua irmã, aquela vaca de tetas murchas — disparou.

O primeiro estranho que presenciasse essa cena juraria que Hermes iria tomar uma grande cacetada pela resposta que dera. Entretanto, a ocasião deu ao mal-educado a oportunidade perfeita: o conhecido, de tão surpreso que ficou, estava ingenuamente indefeso, presa fácil para um soco no estômago.

Era de dar pena o espírito de brutalidade que tomou conta do agressor. O

soco foi tão fraco que uma criança de sete anos choraria de tanto rir com essa tentativa inútil de golpeá-la.

O agredido percebeu que Hermes estava fora de si e deu um tapinha conciliador em suas costas.

— Cara, vai pra casa. Você vai acabar se fodendo em alguma esquina!

Lógico que esse conselho foi totalmente ignorado por Hermes. Quem era esse estúpido para dizer o que ele deveria fazer?

Prosseguiu sua jornada. Chegando ao seu destino, com um largo sorriso após manter sua superioridade contra um reles transeunte, Hermes sentia que esse momento seria definitivo. Sua mente alertava a necessidade de impor-se sobre seu alvo para que tudo desse certo.

Sem intermediações, empurrou a porta da casa. Estava aberta. Deu de cara com uma sala média com móveis lustrosos: dois sofás conservados, apesar de antigos, um *rack* com suporte para os mais variáveis tipos de eletrodomésticos e uma mesinha de centro vasta, arranjada com margaridas e recordações fotográficas dos eventos mais marcantes da família.

Dava para perceber que era um lar de uma família conservadora, daquelas que frequentam a igreja católica todos os domingos, reservam um final de semana do mês para visitar os parentes distantes, almoçam fora aos sábados, coisas desse tipo.

Todos trabalhavam. O chefe da casa prestava serviços para um escritório de contabilidade, o que lhe rendia um salário compatível com a classe média alta. Sua esposa era gestora de RH de uma grande empresa.

No entanto, a casa não estava vazia. Hermes percebeu isso ao escutar uma

voz acompanhando os vocais de uma cantora americana. Era um detalhe de grande importância para ele, pois certificava a felicidade da garota que tanto lhe perturbava a mente.

6.

Às vezes as drogas indicam caminhos misteriosos para a conquista de nossas excentricidades. Elas cavam um poço imaginário no cérebro que contém a fonte que tanto precisamos beber.

Hermes estava com o pau explodindo. Acabava de presenciar aquela bela garota de saia plissada, com um objeto na mão que remetia a um microfone imaginário, espantada em vê-lo repentinamente invadir seus aposentos. Hermes observava atentamente esse objeto.

Linda percebeu que a loucura tinha tomado conta do invasor. Já tinha conhecimento das calamidades que ele vinha causando há pouco tempo e sentia uma espécie de medo — a única coisa que a impedia de gritar naquele momento era a esperança de acreditar nas boas intenções dele.

Mas o olhar de Hermes apagava essa ingênua hipótese. Seus olhos estavam baixos, a sobrelanceira sobressaltada e uma expressão amedrontadora que intimidaria mesmo um oficial fardado.

Os acontecimentos que daqui se seguiram se resumem ao maior número possível de adjetivos da palavra sofrimento.

A deterioração que a heroína causou em Hermes o impulsionou a cometer atrocidades dignas de um psicopata. O que mais impressionava era sua aparente lucidez perante suas atitudes. Aquela pessoa inocente, com um futuro traçado e de boa aparência para a sociedade, acabava de se tornar arquiinimiga do padrão

pacato de sobrevivência para aliar-se às suas exigências estúpidas, que foram ignoradas por ele mesmo durante todo o período de sua existência.

Em pouco menos de vinte minutos aquele tranquilo lar se transformaria em algo parecido com uma taverna devastada.

7.

Hermes estava com a barba mal-feita, cabelos desganhados, olhos horrivelmente esbugalhados, unhas imundas com o acúmulo de poeiras e o rosto fortemente marcado por pancadas constantes que levava por desobediência às “autoridades locais”.

Seus movimentos já não mais respondiam aos seus pensamentos, mas quem o visse nesse momento, juraria que ele estava são.

As aparências nos enganam e enganam os outros justamente nas horas em que mais precisamos que elas nos auxiliem.

Hermes estava cercado de todas as hostilidades possíveis. Não podia encarar algum “companheiro” que era recebido com doloridos golpes de soco inglês nas mãos de mais de quinze pelegos.

Pode parecer ridículo, mas ele já se acostumou com essa terrível situação, que persistia em ocorrer diariamente — aliás, já se passaram dez anos desde o “acidente”.

Já largou a família e suas conquistas acabaram se transformando no pó que se consumia com o tempo. Não sobrou rastro nenhum daquele Hermes imbecil que impressionava por sua intelectualidade vaidosa e se queixava pela extrema falta de sexo. Pelo contrário, perdeu todo seu mérito acadêmico para dar lugar às ligeirezas da vida.

E quanto ao sexo, não podia reclamar de abstinência. A diferença é que

passava da atividade para a passividade.

Maldita hora que Linda foi cantar com aquele objeto!



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br